

## UMA ABORDAGEM REFLEXIVA SOBRE A SOCIEDADE DO DESEMPENHO E SEUS EFEITOS

Lucas Lopes Pinto<sup>1</sup> Thelma Pontes Borges<sup>2</sup> Adimilson Renato da Silva<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Estudante do curso Técnico em Agropecuária – IFTO, câmpus Colinas do Tocantins-TO. Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais – PPGDIRE, pela UFT, câmpus Araguaína – TO. Graduado em Letras pela UEPA – câmpus Conceição do Araguaia – PA. E-mail: <lucasdopa33@gmail.com>

<sup>2</sup>Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo, Brasil(2015). Professor Adjunto III da Universidade Federal do Tocantins – TO. E-mail: <thelmapontes@mail.uft.edu.br>

<sup>3</sup>Doutorado em Ciências Sociais pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil(2019). Professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – TO. E-mail: <adimilson.silva@ifto.edu.br>

**Resumo:** Este escrito busca refletir sobre a sociedade do desempenho e a relação do sujeito com a superprodutividade. A metodologia utilizada é de cunho teórico e analítico, pautado em teoria bibliográfica. Teremos como referencial teórico as contribuições de Han (2015). Os resultados deste artigo mostram que o desempenho exigido do homem neoliberal dar-se-á pela busca de maior produtividade, gerando instabilidade comportamental, crise neuronal, o privando do uso da liberdade de escolhas para elevação da qualidade de vida e de fazer novas ações que lhe forneça bem-estar individual/social.

**Palavras-chave:** Crise neuronal, Desempenho, Liberdade, Sociedade

### 1 INTRODUÇÃO

Este artigo nasce a partir das reflexões sobre a dinâmica da sociedade neoliberal que coercitiva ao sujeito, buscar melhores desempenhos laborais e alcançar melhores resultados por meio do excesso da hiperatividade e da superprodução. Desta feita, sublinhando os efeitos negativos que estas buscas geram, em detrimento das ações e reações do sujeito diante das exigências de uma produção intensiva, faz com que o indivíduo adoça, no aparecimento de doenças neuronais.

Buscamos aqui, pensar um pouco sobre as consequências que o desenvolvimento atual adotado na sociedade, com máximo esforço e ações de produtividade contínua, caracteriza-se com uma sociedade do desempenho que caminha para uma sociedade do cansaço (HAN, 2015). Nesse sentido, valoriza o sujeito, por meio da sua capacidade de realização e de conquista, empoderando-o. Todavia, tendo como consequência dessa prática, adoecimento do indivíduo, não fisicamente, mas com sérios distúrbios neurais, causados pela força excessiva do desempenho laboral, resultado de exigências da sociedade do desempenho.

### 2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada para este escrito foi bibliográfica e documental, como abordagem de caráter qualitativo e analítico, baseado na obra de Byung-Chul Han (2015), “Sociedade do Cansaço”. Assim, o autor nos conduz a possibilidades de discussões acerca de passagens e de reformulações sociais e culturais, levando em consideração suas visões para compor, de certa forma, os sujeitos na contemporaneidade.

A pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base nos autores: Han (2015) e Oliveira (2018). Com a pesquisa documental, foi selecionado artigo publicado no ano de 2018.

Com este artigo é de cunho bibliográfico, faz necessário sistematizar e conhecer o que já foi estudado, pesquisado, quais as contribuições de outros autores ao tema, já que

a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2002, p. 45).

Além de uma pesquisa bibliográfica e documental, a pesquisa constituiu-se de uma abordagem qualitativa. Esse tipo de pesquisa requer objetivos anteriormente sistematizados, apontamentos acerca da literatura e das informações, tal como a verificação dos resultados obtidos e “verificação da validade de todo o desenrolar do seu processo e da confiabilidade dos resultados” (VIANA, 2003, p. 15).

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

#### **3.1 Incursões sobre a sociedade do desempenho e a sociedade do cansaço**

De acordo com Han (2015), a sociedade tem passado por transformações sobre questões comportamentais. Os sujeitos são cobrados a produzir mais, exigindo o máximo de sua capacidade e de sua produção, para fins quantitativos e para serem vistos, socialmente, importantes. Impulsionados com sentimentos de confiança e positividade ao extremo, o descontrole de suas ações têm gerados comportamentos não previstos pela modernidade, que é o caso de transtornos neurais. Nesse caso, Han (2015, p. 7-8), nos informa que as “doenças neurais como a depressão, transtornos de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade ou Síndrome de Burnout determinam a paisagem patológica do começo do século XXI”.

Nesse sentido, perceber-se que “cada época possui suas enfermidades fundamentais” (HAN, 2015, p. 7). Com essa elocução, o autor começa a caracterizar singularidades de uma era. Neste ponto, sublinha graus de dificuldades que a sociedade passa para encontrar antídotos contra o vírus social que conduz ao sujeito, trilhar o caminho da enfermidade psíquica.

Conforme o pensamento de Han (2015), a sociedade contemporânea está se formando desde o início deste século, de maneira diferenciada das outras que a antecederam-na. Destarte, “o século passado foi imunológico” (p. 8) que tinha como pano de fundo a Guerra Fria, que seguia a tipologia dessa era imunológica, o inimigo era “visível”, ou seja, o bem contra o mal e defesa contra ataque. Nesse sentido, com o passar, percebe-se que essa configuração transpassou o campo biológico e começou galgar no tecido social ações não palpáveis, pois essa disputa já não era mais defensável, mas trilharam caminhos que o levou ao distanciamento daquilo que outrora poderia ser vistos, inimigo

invisível. Desse modo, a sociedade preza, agora, pela autoconfiança, supremacia do ego e do autopoder, ou seja, simpatia e uso do “excesso de positividade [...] que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho” (HAN, 2015, p. 7) para se unir ao egoísmo exacerbado e à idéia do tudo posso.

Nesse ponto, na área da biologia, as consequências para a sociedade da época, Han (2015) nos mostra que os efeitos foram sanados com técnicas e aperfeiçoamentos dos métodos imunológicos. Desse modo, destaque para surgimento dos antibióticos, nos quais provocaram uma calma nos sentimentos de medo na sociedade em relação às ataques pandêmicos. Neste caminho, a sociedade que ora era imunologicamente protegida, que combatiam objetos aparentemente estranhos, Han (2015) vem nos dizer que a passagem para esta era, ocorreu quando a sociedade deixou de ver certos traços sociais. Os sujeitos começaram a se transformar, deixando que a negatividade ao estranho fosse adversa, passando a ser ignorada, onde o estranho cedeu lugar ao exótico.

Desta feita, compreende-se que o século XXI ultrapassou as características de uma sociedade imunológica, chegando a outros fatores, ou melhor, sintomas de outras doenças do campo neuronal. Han (2015) vem destacando outras mazelas sociais, sublinhando as psíquicas, que se apresenta com mais veemência, a questão da depressão, TDAH, entre outras que formam um conjunto de patologias que marcam o início de uma nova era. Tudo isso surgiu com a utilização demasiada ou uso da imperatividade da positividade tão presente na sociedade. Dessa forma, em suas palavras, “tampouco o esgotamento, a exaustão e o sufocamento frente à demasia são reações imunológicas. Todas essas são manifestações de uma violência neuronal” (HAN, 2015, p. 17). Assim, percebe-se que essa violência, agora, não vem do exterior ou do outro, mas de si mesmo, do igual.

Seguindo nesse pensamento do autor, percebe-se que os causadores dessa violência, estão ligados ao uso do excesso de confiança e de positividade, com mensagens que expressam os poderes do sujeito em si mesmo, autoconfiança. Tais discursos orientam ao indivíduo o poder de conquistar e o direito de ter tudo que se pode desejar, de certa maneira, sem limites para que o sucesso seja alcançado. Os efeitos começam a aparecer quando os discursos e excessos de confiabilidade, com ausência da negatividade, cede lugar à percepção da realidade, com limitações e objeções que dificultam ao indivíduo a ter/poder tudo o que deseja. Tal realidade se torna evidente quando as impossibilidades ficam mais visíveis diante do sujeito. Este por sua vez, é invadido por uma violência neuronal que o conduz ao infarto psíquico, que Han (2015, p. 20) vem destacando com “terror da imanência”. Na esteira de Han, Oliveira (2018) destaca sobre as consequências dessa sociedade que elegeu a positividade como caminho para um melhor desempenho.

[...] como tipo ideal de uma sociedade que preza pelo sem limites, a sua impossibilidade logo bate à porta, momento no qual frustrações irrompem e desencadeiam patologias não só naqueles que percebem a partir da experiência o

quão intangível o poder de poder tudo é, mas também nos indivíduos que simplesmente não se veem em tais pressupostos, que passam a se sentir igualmente deslocados (OLIVEIRA, 2018, p. 377).

Diante das transformações e passagens de uma sociedade disciplinar, que Foucault (*apud* HAN, 2018) a caracterizou como sociedade da negatividade, ou seja, “não-ter-direito” (p. 24). Como consequência dessa era, produziam-se loucos, doentes, detentos devidos aos comportamentos do não-poder. Dessa forma, sob a ótica de Han (2015), a sociedade passou da negatividade para a positividade, do não poder para tudo posso, da sociedade disciplinar para sociedade do desempenho. Com esse novo modelo social, hospitais, presídios, asilos, quartéis e fábricas, não pertencem mais à sociedade de hoje, mas *shoppings centers*, academias, bancos aeroportos e laboratórios de genética. Nesse contexto, “seus habitantes não se chamam mais sujeitos da obediência, mas sujeitos do desempenho e produção. São empresários de si mesmo” (HAN, 2015, p. 23).

Essa transição de uma sociedade para outra, Han (2015) vem nos mostrar que a sociedade disciplinar não encaixou mais no ritmo social, com as mudanças econômicas, tecnológicas e comportamentais que ocorreram nas últimas décadas, forçando, de certa forma, uma adequação ou transformação para a sociedade do desempenho. Neste caminhar, Han (2015) sublinha que nessa sociedade da positividade, acentuou condutas sociais individualistas de alcançar melhor desempenho em busca de superprodutividade. Um sujeito mais exigente e produtivo, cobrando mais de si para exercer sua potência laboral frente às tendências neoliberais. Nesse aspecto, a transformação de paradigmas sociais, dar-se a entender que houve um processo de continuação do exercício produtivo. Desse modo, Han, chega a dizer que “já habita, naturalmente, o inconsciente social, o desejo de maximizar a produção” (p. 25), com isso, tanto na sociedade imunológica com na sociedade da positividade, ambas exercem atividades produtivas.

Para a elevação da produtividade social e individual, o modelo disciplinar é substituído pelo modelo do desempenho, este que Han (2015) vai chamar de “esquema positivo de poder” (p. 25). Nesse sentido, onde o indivíduo do “tudo posso”, ao se deparar com o limites humanos, nos quais podemos relacionar com as dos campo psicológico, desencadeia reflexos de transtornos comportamentais do sujeito diante dos impasses da não-conquista ou excesso de produção, chegando ao esgotamento físico e mental. Desse modo, compreende-se que o “sujeito do desempenho é mais rápido e mais produtivo que o sujeito da obediência” (HAN, 2015, p. 25), todavia, há sequelas que outrora, aparentemente, não eram evidentes, com destaque para o agravamento dos distúrbios da psiquê humano. Afinal, a “positividade do poder é bem mais eficiente que a negatividade do dever” (HAN, 2015, p. 25). Assim, com esse excesso de eficiência, o autor sublinha o aparecimento no mundo dessa era de novas patologias, como doenças neurais. Dessa forma, uma crise neuronal em ascensão, como a “depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade e transtorno de personalidade” (HAN, 2015, p. 8), o sujeito trava uma espécie de guerra interna,

derivada do uso indevido do poder que possui em prol do excesso de produtividade.

O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o invalido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesmo [...] O sujeito do desempenho [...] é senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submetido a ninguém ou está submetido a si mesmo (HAN, 2015, p. 29).

Como o sujeito do desempenho é tido como soberano de si, compreende-se que os indivíduos da obediência não existem mais. O sistema capitalista neoliberal fez com a sociedade disciplinar deixasse de existir (HAN, 2015). Contudo, esse esquema trouxe consigo discurso persuasivo, que fez com que os sujeitos aceitassem a idéia que são sujeitos de si mesmos, da produtividade crescente, do desempenho eficaz e de um mundo de possibilidades infinitas. Um paradigma social que, no “lugar de proibição, mandamento ou lei, entram projeto, iniciativa e motivação” (HAN, 2015, p. 24).

Nesse ponto de estímulos motivacionais, que a oratória positiva do poder ilimitado começa a fazer presente na vida do sujeito. Dando ênfase do auto-empresendedorismo, do exercício da autoconfiança. Han (2015) faz-nos lembrar de que, esse sujeito do desempenho, também, é disciplinado, não pelos outros, mas por si (autodisciplina). Nisso, dar a entender que a auto-exploração exige de si êxito contínuo, fazendo sua liberdade, que aparentemente tem se estingue com o aprisionamento à produção. Como resultado desse processo, “o explorado é ao mesmo tempo o explorador. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos” (HAN, 2015, p. 30). Assim, os efeitos dessa exigência do desempenho e da autodisciplina do regime neoliberal, outras patologias emergem: não gera mais loucos e delinquentes, a sociedade do desempenho produz sujeitos com a mente cansada, com sintomas depressivos e seres fracassados (HAN, 2015).

Desse modo, essas enfermidades neoliberais do sujeito do desempenho, Han (2015) vêm descrever que são frutos do fracasso do homem em assumir a responsabilidade de ser ele mesmo, exigindo muito de si. Com isso, surgem os “infartos psíquicos” (HAN, 2015, p. 27) gerados pelo esgotamento pelo ato do desempenhar em escala de alto nível e graus de exigências bem atenuantes do sujeito. Destarte, com excesso de positividade, características da pós-modernidade, em que a todo instante o indivíduo é convocado a produzir, a praticar, a desempenhar e a ratificar sua positividade, o sujeito caminha para uma trilha do esgotamento. Atitudes com aspectos de subjetividade e de sociabilidade frente aos outros, por meio das multitarefas, tudo ao mesmo tempo, “o que torna doente, na realidade, não é o excesso de responsabilidade e iniciativa, mas o imperativo do desempenho como um novo mandato da sociedade pós-moderna do trabalho” (HAN, 2015, p. 27).

Com esses atarefamentos do indivíduo, fazendo tudo ao mesmo tempo, Han (2015 *apud* OLIVEIRA, 2018, p. 379) nos informa que o “sujeito do desempenho, é tão ativo e atento a si mesmo - e não somente ao trabalho - que a falta do ser enquanto instâncias criativas faz surgir nervosismos e

inquietações”. Com isso, começa a surgir um descontentamento neural com excesso de trabalho e auto-exploração, quando os resultados dessa produtividade começam a serem diferentes do planejado.

O sujeito se apresenta como um ser insensível, egoísta e auto-eficiente. Desse modo, deixando escapar sua percepção da realidade real, ocultando seu discernimento. Assim, o estágio do desempenho pode está além das capacidades motoras, pode afetar suas condutas psíquicas, com inquietações e frustrações. Afinal, em sua positividade, o sujeito “é senhor e soberano de si mesmo” (HAN, 2015, p. 29), por isso pode haver tantos desilusões e fracasso nessas condutas exageradas de produção. Como senhor de si mesmo, o sujeito está em constante guerra interna, de um lado desejo de alavancar seus resultados laborais e do outro lado, lidar com as decepções e angústias no trilhar do insucesso em superar-se. Han (2015) mostra que isso só pode resultar em frustrações e sofrimento em exigir tanto do eu, surgindo assim à sociedade do cansaço, como ele o domina. Formada pelas transformações da sociedade ativa e do desempenho, geram um cansaço e esgotamento em excessos, em que não há uma separação da sociedade de outrora, mas de continuidade de produção.

O excesso de positividade se manifesta também como excesso de estímulos, informações e impulsos. Modifica radicalmente a estrutura e economia da atenção. Com isso se fragmenta e destrói a atenção. Também a crescente sobrecarga de trabalho torna necessária uma técnica específica relacionada ao tempo e à atenção, que tem efeitos novamente na estrutura da atenção (HAN, 2015, p. 31).

Com toda essa modernização pautada em políticas de desenvolvimento atrelado aos fatores econômicos, exigiu-se muito do sujeito em busca de superação do eu, o deixou enfermo. Com isso, esse sujeito “depressivo não está cheio, no limite, mas está esgotado pelo esforço de ter de ser ele mesmo” (EHRENBERG, 2008 *apud* HAN, 2015, p. 26). Desse modo, o indivíduo do cansaço começou a perceber que sua capacidade de ilimitada de produzir, traça um percurso de limitações e decepções pelo uso demasiando da positividade (HAN, 2015). A depressão nada mais é que a expressão patológica do fracasso do homem pós-moderno em ser ele mesmo (EHRENBERG, 2008 *apud* HAN, 2015). A causa do ato depressivo, para ele não é o esgotamento ou o imperativo de obedecer a si mesmo, mas a pressão do desempenho, dos resultados.

Desse modo, a sociedade do desempenho e do trabalho, faz com que o sujeito seja prisioneiro de si, resultando o surgimento de repressões ou coerções (HAN, 2015).

A dialética de senhor e escravo está, não em última instância, para aquela sociedade na qual cada um é livre e que seria capaz também de ter tempo livre para o lazer. Leva ao contrário a uma sociedade do trabalho, na qual o próprio senhor se transformou num escravo do trabalho. Nessa sociedade coercitiva, cada um carrega consigo seu campo de trabalho. A especificidade desse campo de trabalho é que somos ao mesmo tempo prisioneiro e vigia, vítima e agressor. Assim, acabamos explorando a nós mesmos (HAN, 2015, p. 47).

Portanto, Han (2015) descarta a crença de que quanto mais ativos somos, mais livres seremos, ou seja, “uma ilusão acreditar que quanto mais ativos nos tornamos tanto mais livres seríamos” (HAN,

2015, p. 52). Neste pensamento, o autor expõe que a hiperatividade na qual é uma característica da sociedade atual, tem aspecto de forma vazia do ser, uma omissão do fazer, um transtorno à liberdade, uma positividade vazia e sem sentido.

O sujeito de desempenho está livre da instância externa de domínio que o obriga a trabalhar ou que poderia explorá-lo. É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou à livre coerção de maximizar o desempenho (HAN, 2015, p. 29-30).

Han (2015) nos diz que quando se consegue deixar o eu sozinho, não sobra mais nada, só o eu, único, sozinho, num cansaço psíquico fadado ao sofrimento e solidão, gerados por essa violência da busca incessante de ganhos. Muitas vezes ganhos não factíveis à sua realização, desencadeiam patologias neurais, surgimento de doenças difíceis de serem tratadas, como depressão ou outros distúrbios neurais causados pela força do desempenho, que resultam em esgotamentos neurais, originadas dessas exigências da positividade, uma exaustão do eu tentando ser o eu-eficiente. Em decorrência disso, Han (2015, p. 71) vem nos dizer que o “excesso da elevação do desempenho leva a um infarto da alma. O cansaço da sociedade do desempenho é um cansaço solitário que atua individualizando e isolando” o indivíduo, o aprisionando no seu eu.

A liberdade para Han (2015) aparece e age de forma reversa, o sujeito que tem o senso de ser livre, entende-se que nunca está consciente de sua dependência e submissão ao sistema. Sendo submetida, a liberdade provoca “coerção” e, também, um servo absoluto. Ser senhor e escravo, ser chefe de si. Entra na ilusão de fazer seu horário, és livre, que “cada um é um trabalhador que explora a si mesmo para a sua própria empresa. Cada um é senhor e servo em uma única pessoa” (HAN, 2018, p. 14). Nesse sentido, “somos tentados a crer que a vocação dos homens se encontra no contínuo progresso desse empreendimento, superando – se sempre a si mesmo, rumo a feitos cada vez maiores” (JONAS, 2006, p. 43). Sendo assim, Han (2015) adverte ao sujeito uma atitude libertadora dessa prisão de comportamentos do excesso de desempenho, na exploração da liberdade em produzir cada vez mais, o tornando escravo do sistema e de si.

Portanto, percebe-se que na sociedade do desempenho, com olhar certo, Han (2015) enxerga modos de vivências expressados pelo uso demorado da positividade ou pela arbitrariedade desta, resultando em sujeitos que estão sempre na busca em avançar nas linhas de produção e dos lucros. Desse modo, com a subjetividade aliada à sociabilidade, traceja atitudes relacionadas à multitarefas com uma constante, a da autoprodução.

Em suma, Han (2015) vem descrevendo os efeitos da sociedade do desempenho resultando num sociedade do cansaço. Nesta, têm gerado culpas, sofrimentos, frustrações e decepções. Desse modo, vem o aparecimento de patologias neurais diversas, que por sua vez, adoce o sujeito, levando-o

ao fracasso social e unitário. Neste sentido, o sujeito do desempenho está em uma constante crescente, os resultados de cobranças e exigências só podem originar um cansaço psíquico, no qual gera doenças com grau de dificuldade latente para serem superadas. Uma vez que, na sociedade do desempenho os indivíduos estão fadados ao fracasso, a falhas e a derrotas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou compreender os efeitos que a sociedade do desempenho tem provocado no estilo de vivência do sujeito: produzir com mais empenho conforme as necessidades pessoais e neoliberais, não considerando outras vertentes de bem-estar social e individual, na valorização da humanidade existente em cada um. As liberdades do sujeito e no desenvolvimento das potencialidades humanas mostra que a inserção na vida social dispõe um caminho para melhoria da qualidade de vida do indivíduo. Nesse sentido, é preciso se libertar das algemas imposta pelo neoliberalismo, dos excessos de desempenho, das cobranças do eu e de assumir todas as culpas de quaisquer fracassos na vida social.

Por outro lado, temos uma sensação de liberdade no sentido de estarmos soltos para passear, comunicar, demonstrar, trabalhar, enfim, liberdade em seu sentido latente: somos livres. Todavia, no dinamismo da sociedade do cansaço, essa sensação libertadora do indivíduo atua porque age de forma silenciada, na qual ela controla, oprime e escraviza o homem. Dessa forma, dentre os diversos embargos neoliberais, verifica-se os desafios relacionados ao desempenho e suas exigências e urgências, o indivíduo precisa voltar para si, não com positividade exacerbada, que o controla, mas medidas cautelosas para evitar frustrações e sequelas neuronais que venham comprometer sua maneira de viver em harmonias com suas subjetividades.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAN, Byung-chul. **Sociedade do Cansaço**. São Paulo: Vozes, 2015;

JONAS, Hans. **Ensaio Filosófico: da crença antiga ao homem tecnológico**. Tradução de Wendell Evangelista Soares Lopes. São Paulo: Paulus, 2017. (Coleção Ethos).

OLIVEIRA, Geilson Fernandes de. HAN, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015. 80 p. **Horiz. antropol.** Porto Alegre, ano 24, n. 52, p. 375-382, set./dez. 2018. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ha/a/XRTFtgxjLPN66MPNHMQjZsP/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 25 maio 2021.

VIANNA, Heraldo Marelim. **Pesquisa em Educação: a observação**. Brasília: Plano Editora, 2003.